



O PORTUGUÊS URUGUAIO FALADO EM TRANQUERAS- URUGUAI: O FENÔMENO DA ELEVAÇÃO DAS VOGAIS POSTÔNICAS FINAIS

Alexander Severo Córdoba (UFPEL)
severo.cordoba@gmail.com

RESUMO: Este artigo nasce de um trabalho de pesquisa focado na regra variável da elevação das vogais médias átonas finais /e/ e /o/ no Português Uruguaio (PU), falado por sujeitos da cidade de Tranqueras, a qual pertence ao Departamento de Rivera – Uruguai. O presente artigo tem, como pressupostos teórico-metodológicos, a Teoria da Variação sociolinguística. Foram realizadas 12 entrevistas de experiência pessoal com informantes divididos em dois grupos: crianças e adultos da comunidade de Tranqueras. A análise estatística dos dados, que foi realizada por meio do aplicativo GOLDVARB 2001, mostrou que a regra em foco sobre o processo de elevação das vogais átonas finais revela que as crianças aplicam a regra variável da vogal postônica final com uma porcentagem maior do que a dos adultos, trazendo um leve indício de mudança. Além disso, as crianças aplicam a regra variável com a vogal /o/ em maior porcentagem do que com a vogal /e/, enquanto os adultos aplicam a regra variável da vogal /e/ postônica final com uma maior porcentagem do que com a vogal /o/.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Variação. Vogais médias postônicas finais. Tranqueras – Uruguai.

RESUMEN: Este artículo nace de un trabajo de investigación centralizado en la regla variable de elevación de las vocales postónicas finales /e/ y /o/ del Portugués Uruguayo (PU) hablado por sujetos de la ciudad de Tranqueras que pertenece al Departamento de Rivera – Uruguay. Este artículo está enfocado en los presupuestos teórico-metodológicos de la Teoría de la Variación sociolingüística. Se realizaron 12 entrevistas de experiencia personal con informantes divididos en dos grupos: los niños y los adultos de la comunidad de Tranqueras. El análisis estadístico de los datos, que fueron realizados por medio del programa estadístico GOLDVARB 2001, muestra que la regla sobre el fenómeno de la elevación de las vocales atonas finales se aplica en su mayoría a los niños, eso significa que puede haber inicio de un pequeño indicio de cambio lingüístico en la comunidad investigada. Además, los porcentajes indican lo siguiente: los niños aplican la regla variable con la vocal /o/ con más frecuencia, mientras que los adultos aplican la regla variable con la vocal /e/ con mayor frecuencia.

PALABRAS-CLAVE: Teoría de la Variación. Vocales medias postónicas finales. Tranqueras – Uruguay.

1 Introdução

O presente artigo trata sobre a variedade do Português brasileiro: o Português Uruguaio, doravante PU, falado no norte/nordeste do Uruguai; precisamente na comunidade de Tranqueras que pertence ao Departamento de Rivera, o qual faz limite



com o sul do Brasil. O objeto deste artigo está no comportamento das vogais médias postônicas em final de palavras; parte-se dos pressupostos teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista.

A fim de que se verifiquem motivos que propiciaram o contato linguístico e o uso das variantes que conformam o PU, inicia-se pela apresentação de aspectos históricos e sociais da região norte/nordeste do Uruguai.

1.1 Aspectos histórico-sociais e linguísticos do norte do Uruguai

A zona fronteiriça entre o Brasil e o Uruguai é caracterizada, em sua maioria, por uma linha divisória marcada sobre a terra e considerada uma divisão artificial, pois não possui limites naturais, como rios ou montanhas de grande altura. Segundo Trindade et al. (1995), a fronteira entre o Brasil e o Uruguai possui uma extensão de aproximadamente 1.000 km, sendo que 60% está localizada sobre uma linha traçada sobre a terra, conforme já referido, onde há os chamados marcos colocados de forma alinhada. Além disso, há os rios Cuareim e Jaguarão, sobre os quais existem pontes que facilitam a comunicação entre os dois países. Assim, pela grande extensão da fronteira, bem como por suas características, tem-se muito facilitado o contato entre os povos brasileiro e uruguaio e, conseqüentemente, o contato entre as línguas portuguesa e espanhola.

A seguir, a figura 1 mostra uma foto que retrata um dos *Marcos* na linha divisória entre Santana do Livramento (BRA) e Rivera (URU).

FIG. 1 – Marco Brasil – Uruguai – Caminho ao *Cerro do Chapéu*:



Ainda sobre a extensão de limites na região fronteira, sabe-se que existem cinco cidades integradas em centros urbanos, que constituem chamadas “cidades gêmeas”, uma pertencente ao Uruguai e outra pertencendo ao Brasil: Artigas-Quaraí; Rivera-Livramento; Aceguá-Aceguá; Rio Branco-Jaguarão e Chuy-Chuí. A situação de contato que existe entre essas cidades não tem plena equivalência, já que, segundo Couto (2012), as comunidades fronteiriças separadas pelos rios Quaraí e Jaguarão, que dividem, respectivamente, as cidades de Artigas-Quaraí e Jaguarão-Rio Branco, não mostram relação tão intensa, entre seus moradores, como é observado nas outras cidades gêmeas mencionadas acima.

A população dessas cidades que integram a região norte do Uruguai e o sul do Brasil é, de fato, de origem mista. A literatura aponta que a partir de 1492, a disputa entre os reinos espanhol e português sobre os domínios territoriais na América atingiu essa região da América do Sul. Em 1493, a famosa *Bula Inter Caetera*, do Papa Alexandre VI, deixa praticamente todo o território brasileiro em mãos dos castelhanos, exceto o território baiano (TRINDADE et al. 1995; COUTO, 2012).



Logo, no ano de 1494, é assinado o *Tratado de Tordesilhas*, pelo qual o território concedido aos portugueses tem um aumento considerável, porém, o território que corresponde aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná ainda permanece sob o domínio dos castelhanos.

Posteriormente, nos séculos XVI e XVII, essa região e o nordeste do atual Uruguai foram dominados pelos portugueses por meio das invasões e domínios na região castelhana, que resultaram na fundação da Colônia do Sacramento, localizada nas margens do *Rio de la Plata*.

Ainda durante o século XVII, são assinados dois tratados de limites: o *Tratado de Permuta* (1770), e o *Tratado de Santo Idelfonso* (1777), os quais traçam diferentes linhas divisórias entre os territórios sob os domínios de portugueses e castelhanos.

No século XIX, em 1816, Portugal anexou toda a Província Oriental do Uruguai sob o nome de Província Cisplatina, até a expulsão dos portugueses em 1825 – essa data marca a *Declaración de la Independencia* do Uruguai.

A história registra, portanto, uma situação de instabilidade, durante um grande período, no domínio da região que hoje se identifica como *região fronteira entre Brasil e Uruguai*. Essa alternância de domínio político da região teve reflexos culturais e linguísticos, sendo que o português continuou a ser utilizado em terras uruguaias, do que decorreu a presença do bilinguismo como característico das atuais comunidades de fronteira entre os dois países. Essa realidade também suscitou, em períodos subsequentes da história, o estabelecimento de políticas educacionais para a preservação do espanhol como língua do Uruguai.

Dentro dessa perspectiva, Carvalho (2003a) sobre o processo de formação do Uruguai até a sua independência que, de fato, ocorreu em 1828, e a presença do português nesse país em durante o século XIX:

Em 1815, o exército português iniciou uma invasão em direção ao Uruguai ocupando durante 10 anos o território então designado Província Cisplatina. Após a sua independência do Brasil, em 1825, a área em questão uniu-se à Argentina até 1828, quando a República Oriental del Uruguai foi finalmente criada através de um acordo



mediado entre o estado brasileiro e o território uruguaio, as famílias portuguesas e brasileiras continuam a estabelecer-se no norte do Uruguai (CARVALHO, 2003a, p. 152).

Em 1821, fixam-se os limites da Província Cisplatina como parte do Reino Unido de Portugal. Então, esses limites coincidem com os limites atuais que têm sido modificados até os dias atuais devido a diferentes tratados diplomáticos.

Assim, o panorama histórico apresentado até o momento mostra que, embora a região fronteira, aqui destacada, desde a *República Oriental del Uruguay* em 1830, não tenha sofrido mudanças em relação a sua estrutura, essa região ficou povoada e administrada juridicamente por brasileiros. De acordo com Trindade et al. (1995), pelos dados do primeiro censo uruguaio, em 1860, a população do país era de 200.000 habitantes, sendo que 40.000 era constituído por brasileiros ao nordeste do país.

Além disso, Behares (2003) afirma que o conjunto populacional fronteira de inícios do século XIX apresentou predomínio de mestiços, com base nos guaranis missionários, escassa presença de espanhóis e portugueses e um importante número de negros. Essa base populacional reconcentra-se em si mesma por causa do isolamento, das condições difíceis de vida para os colonos europeus e, o mais importante, por ser a mais adaptada à organização social muito frouxamente estruturada. Trata-se de um conglomerado populacional bastante diferente do uruguaio do sul e do brasileiro do centro-este, organizado em uma sociedade rural escassamente ordenada por outros instrumentos que não a simples convivência e a defesa das integridades (BEHARES, 2003).

Em 1852, o Presidente uruguaio Giró percorreu o interior do país e elaborou um plano para a sua modernização e desenvolvimento, principalmente para assegurar o domínio real da área nortenha. Durante o resto do século, o governo uruguaio fundou cidades e povoados ao longo da linha fronteira e destinou imigrantes espanhóis e italianos para povoá-los. Simultaneamente, melhorou as vias de comunicação desde e para a fronteira, com a introdução das vias ferroviárias (1887-1894) e tomou



providências para que a “modernização” rural fosse também operante nas áreas fronteiriças (BEHARES, 2003).

É preciso assinalar que a aprovação do Decreto-Lei “*Reglamento de Instrucción Pública*” pelo Governo Latorre, em 1877, sobre a base da “*Ley de Educación Común*” de José Pedro Varela, fez com que a égide do governo central uruguaio tivesse um significativo avanço sobre a sociedade fronteiriça, com o objetivo principal da imposição “civilizadora” da língua espanhola e a assimilação cultural do norte às tradições sulinas (BEHARES, 2003). No entanto, apesar das ações políticas propostas pelo governo uruguaio, no norte/nordeste do País continuou – e permanece até os dias atuais –, o uso do PU, juntamente com o Espanhol Uruguaio (EU).

É importante destacar, portanto, que, durante o século XX, o espanhol já estava incorporado no norte/nordeste do Uruguai, como salienta Carvalho (2008), embora se registre também a permanência do português:

De fato, no começo do século 20, o espanhol já havia penetrado no norte onde se falava português, devido ao sucesso da educação pública, à migração de uruguaio do sul, e à fundação de diversas cidades fronteiriças. No entanto, apesar das políticas linguísticas que tentaram e tentam inibir o uso de português no norte do território uruguaio, o português sobrevive e o bilinguismo é hoje difundido e diglósico (CARVALHO, 2008, p. 69).

É preciso destacar que o espanhol é a língua da escola e da vida pública, principalmente, no norte do Uruguai, conforme enfatiza Carvalho (2007; 2008), assim como Behares (1985) e Elizaincín (1992), porém o português continua sendo utilizado como um vernáculo nas interações intergrupais.

2 Pressuposto teórico

Em primeiro lugar, nesta sessão, apresenta-se o tópico relacionado às *Variedades linguísticas no norte do Uruguai*, já que essa é a região que o presente estudo tem como foco, trazendo-se, também, a caracterização da cidade de Tranqueras,

localidade em que foram coletados os dados linguísticos aqui objeto de análise. Por fim, expõem-se características dos sistemas vocálicos do português e do espanhol.

2.1 Variedades linguísticas no norte do Uruguai

Vinculado a esse enfoque histórico da região fronteira entre o Brasil e o Uruguai, os primeiros linguistas que começaram a estudar e a descrever o EU, há mais de 150 anos, percebem uma hibridização que havia ocorrido em toda a região norte que faz fronteira com o Brasil: foi verificada a dominação linguística do Português sobre o Espanhol, depois da independência do Uruguai, no norte/nordeste do país, com o estabelecimento de povoados ao longo da fronteira. Aí se tem, então, a origem do padrão de fala fronteiro, geralmente identificado como *fronterizo*, *portunhol*, *brasileiro* ou DPUs (Dialeto Portugueses do Uruguai) (JUDD, 2007).

Pela preponderância do Português nessa região norte/nordeste do Uruguai, a realidade do contato linguístico aconteceu, conseqüentemente, pela influência do Espanhol numa base bem estabelecida do Português.

O primeiro pesquisador a descrever a situação linguística ao longo da fronteira brasileira-uruguaia foi José Pedro Rona. O autor observa que o dialeto que se havia formado na fronteira é uma mistura de Português e Espanhol, porém essa mescla não é nem o Português nem o Espanhol – o resultado, segundo o autor, é a incompreensão do dialeto tanto pelos brasileiros como pelos uruguaiois. O primeiro nome dado a esse dialeto foi o de *fronterizo* (RONA, 1963).

Dentro dessa perspectiva, as pesquisas de Rona (1963; 1965) sobre a variedade linguística dessa região apontam a constatação de que tanto a fonologia como o léxico são oriundos basicamente do português. Por isso, o pesquisador propõe a existência de dois dialetos *fronterizos* diferentes:

- um dialeto *fronterizo* de base portuguesa, o qual possui praticamente um sistema fonológico característico da língua portuguesa e, conseqüentemente, um campo lexical predominantemente português;
- um dialeto *fronterizo* de base castelhana, sendo que o autor argumenta que esse dialeto não sofre diferença comparado ao do resto do Uruguai, mas que possui influências lexicais, morfológicas e sintáticas do português sem sua predominância.

Carvalho (2003) argumenta, sobre os estudos de Rona (1965), que na atualidade sua proposta ainda é fundamental, pois está relacionada à distinção entre a variedade do português usada por falantes bilíngües e o *fronterizo*. Segundo a autora, é importante salientar, sobre a proposta de Rona (1965), que não há dois sistemas fônicos e, sim, um sistema, que possui algumas características portuguesas e outras castelhanas. Assim, o *fronterizo* caracterizado por Rona (1965) deve ser falado por sujeitos monolíngües desse sistema (CARVALHO, 2003b).

Na perspectiva teórica da Sociolinguística, encontra-se a tese de doutorado do pesquisador Frederick Hensey, intitulada *The Sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan Border*, publicada em 1972, considerada o primeiro estudo variacionista realizado ao mesmo tempo nas duas cidades de Rivera (URU) - Livramento (BRA) (MEIRELLES, 2006). Por essa razão, a pesquisa de Hensey (1972) sobre o PU falado nas comunidades fronteiriças no norte e do Uruguai difere do trabalho anterior de Rona (1965).

Em seu estudo, Hensey (1972) lida com a situação do dialeto *fronterizo* entre as comunidades fronteiriças brasileiro-uruguaia, que o autor denomina de cidades gêmeas, conforme explica a seguir:

The border population is concentrated in and around a set of twin cities, named in order Brazil/Uruguay. These are: Quaraí/Artigas, Livramento/Rivera; Aceguá/Aceguá; Jaguarão/Rio Branco and Xui/Chuy. In Livramento/Rivera and Xui/Chuy, the borde is a street, otherwise, a river (HENSEY, 1972, p. 13).

Hensey (1972) destaca ser comum encontrar um maior número de uruguaios que falam a língua portuguesa do que brasileiros que falem o Espanhol. Também refere que o bilinguismo ocorre com maior frequência entre os uruguaios do que entre os brasileiros. Outro dado importante sobre a pesquisa do autor revela é que os adultos uruguaios, da região por ele estudada, são monolíngues em Português, enquanto que as crianças são consideradas bilíngues (HENSEY, 1972).

Ainda sobre o estudo de Hensey (1972), Carvalho (2003) esclarece que:

O autor segue a distinção proposta por Elizaincín entre o *fronterizo* e o *português* baseada no tipo de falante, ou seja, enquanto que bilíngues residentes nas cidades falam português além do espanhol, os monolíngues falam somente o *fronterizo* (CARVALHO, 2003b, p. 128).

Estudos posteriores, como os de Elizaincín, Behares e Barrios (1987), propuseram uma designação alternativa para este dialeto. O termo que veio a ser preferido é *Dialetos Portugueses do Uruguai* (DPU). A justificativa para essa nova denominação tem, para os autores, os seguintes fundamentos:

- a) o termo *dialeto* é considerado um termo neutro, no sentido diatópico, sendo uma forma peculiar de falar de uma determinada zona de um país;
- b) o adjetivo *portugueses* explica se tratar de formas mistas da língua portuguesa, as quais evidenciam a forte influência do Espanhol.

Esse estudo, realizado em 1987, publicado no livro *Nos falemo brasileiro*, teve como foco a discussão de aspectos morfossintáticos desses dialetos a partir de uma análise sociolinguística variacionista. Nele, os autores constataram que os DPU possuem uma grande *variabilidade*. Segundo os autores, o termo variabilidade tem destaque nesse trabalho, pois há uma relação de contato entre duas línguas (ELIZAINCÍN; BEHARES; BARRIOS, 1987).

Ainda sobre essa questão, os autores argumentam o seguinte:

[...] en el marco de las lenguas estándar, es conveniente usar “variabilidad” para referirse a la situación imperante em los dialectos

bilíngües, es decir, para aquellos casos em que dicha variabilidad es notoriamente causada por el contacto de dos (o más) lenguas (ELIZAINCÍN; BEHARES; BARRIOS, 1987, p. 16).

Entretanto, os autores diferenciam, até por questões metodológicas, dois tipos de variabilidades, como se observa a seguir:

- a) variabilidade interna: é consequente da instabilidade da gramática interna dos DPU;
- b) variabilidade externa: relaciona-se com a distribuição diatópica da variabilidade interna das formas e estruturas (ELIZAINCÍN; BEHARES; BARRIOS, 1987).

Observando, desde uma ótica fonológica, os pesquisadores ressaltam que as vogais médias baixas [ɜ] e [ɔ] não existem no Espanhol, mas apenas no Português. Entretanto, desde o ponto de vista fonético, há vogais baixas em Espanhol, mas elas não são tão abertas como no Português. Na sessão que será desenvolvida sobre as vogais do PB e do EU será desenvolvida esta questão.

Especificamente com relação ao DPU, salientam, em relação às consoantes, ocorrências alternadas entre as consoantes [b] e [v]. E, ainda, o estudo mostra que há a palatalização das dentais [t]; [d].

Sobre o *status* dos DPUs, Meirelles (2006), referindo sua possível caracterização como a de pré-pidgins (ELIZAINCÍN; BEHARES; BARRIOS, 1987), tem posição discordante, uma vez que os DPUs não possuem em sua estrutura uma característica de pidgin. Para defender sua justificativa, Meirelles (2006) cita Hocks (1991), cujo estudo define um pidgin como uma simplificação radical de estruturas linguísticas e de vocabulário, já que um pidgin se caracteriza por possuir um vocabulário de poucas palavras, aproximadamente entre 1000 e 2000 palavras. Para Meirelles (2006), a caracterização dos DPUs dada por Elizaincín, Behares e Barrios (1987) como pidgins não condiz com o uso real dessa variedade.

Ainda sobre os DPUs, vale ressaltar o estudo monográfico de Laffin¹ (2011), no qual a autora faz uma revisão bibliográfica a respeito do contato linguístico na fronteira Brasil – Uruguai, buscando, sobretudo, ressaltar algumas lacunas teóricas e buscar possíveis futuros estudos na área. Na discussão sobre a diferença entre língua e dialeto, Laffin (2011) crítica a definição dada aos DPUs como *dialeto*, pelos autores Elizaincín, Behares e Barrios (1986), como um termo neutro e que tem como característica essencial uma forma peculiar de falar de uma determinada comunidade.

Laffin (2011) enfatiza o seguinte:

É preciso, por isso, considerar as diferentes conotações para este termo. Quando Barrios, Elizaincín e Behares em seu livro com o sugestivo título *Nos falemo brasileiro* dissertam acerca dos *Dialetos portugueses en Uruguay*, os chamados DPU, afirmam curiosamente não pressupor desprestígio nesse “modo de falar”. Sabemos, no entanto, como base em outros estudos (KERSCH, 2006) que nem sempre é assim (LAFFIN, 2011, p. 13).

Dentro desse contexto, defende-se como Laffin (2011) a posição de que o termo *dialeto* pode ser conotado de desprestígio desde um ponto de vista pejorativo, pois pode apontar variedades sem prestígio. Além disso, o termo *variedade* é visto, na literatura, precisamente nos estudos de Carvalho, exatamente para designar e caracterizar o PU, que será discutido na subseção posterior.

2.1.1 O Português do Uruguai

Na atualidade, Carvalho afirma que as denominações dadas às variedades aqui em foco, como, por exemplo, ‘*Fronterizos*’ (RONA, 1963; 1965); os DPUs; *brasileiro*, entre outras denominações (ELIZIANCÍN; BEHARES; BARRIOS, 1987) são variedades do PU e, por isso, a autora utiliza a expressão *Português Uruguai* para identificar as variantes em questão (CARVALHO, 2007; 2010).

¹ Monografia intitulada de: *O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras*. Defendida em dez. de 2011.

A autora define o PU como uma variedade linguística rural falada como língua de herança em várias comunidades bilíngues e diglósicas; e também, é uma variedade falada ao longo da fronteira uruguaio-brasileira desde os tempos coloniais (CARVALHO, 2008).

Meirelles (2006), que também defende a proposta de Carvalho como a mais viável sobre o estudo da variante em pauta, afirma o seguinte:

[...] não cabe denominar esses dialetos de pidgins, pois a estrutura linguística e os usos deles não permite essa afirmativa, ao mesmo tempo, a história do lugar e as pesquisas de Rona (1963,1965) e Hensey (1972) apontam para o fato de que o espanhol é de uso recente nessas comunidades fronteiriças (MEIRELLES, 2006, p. 55).

Segundo Behares (2011)², 80% das crianças nascidas em Minas de Corrales (interior do Departamento de Rivera – Uruguai) têm, como primeira língua (L1), o PU. Como o PU sofre influência do EU, tem, em sua estrutura, características fronteiriças.

Também na cidade de Tranqueras, pertencente ao Departamento de Rivera, as crianças adquirem como L1 o PU. Com motivação nessa realidade, além do fato de não haver descrições detalhadas sobre a variante linguística falada nessa localidade, o presente artigo pretende mostrar a análise a partir do estudo aqui em foco, o processo da elevação das vogais médias átonas finais.

Na literatura, encontram-se alguns estudos, como os de Elizaincín, Behares e Barrios (1987) e Elizaincín (1992), em que é feita uma análise da variabilidade dos DPUs no que tange a questões morfossintáticas. Quanto ao PU, foco desta subseção, Carvalho (2008) faz o seguinte esclarecimento, considerando outros estudos já realizados:

O estudo sistemático da variação interna do português uruguaio nos leva à abstração de um contínuo dialetal que substitui a dicotomia

² Palestra proferida no Seminário Internacional – *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* (UFPEL) – Jun. 2011

anteriormente [...] entre o português dos bilíngües estudado por Hensey na cidade de Rivera, e o DPU/fronterizo primeiramente detectado por Rona nas áreas rurais e estudado detalhadamente por Elizaincín na fala das camadas sociais baixas da periferia de Rivera (CARVALHO, 2003b, p.134).

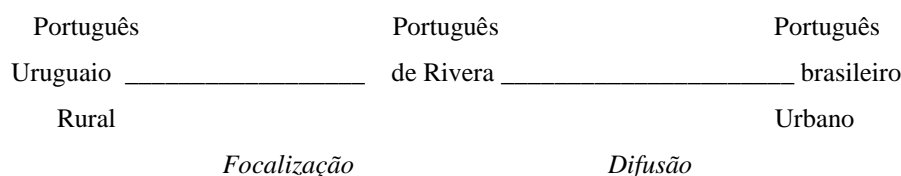
Portanto, pode-se dizer que o PU é uma variedade do PB que consiste, segundo Carvalho (2003; 2008), em uma série de possibilidades que o falante possui de utilizar-se tanto do português brasileiro urbano, doravante PBU, e do português uruguaio rural, doravante PUR. Além disso, a autora menciona que, na cidade de Rivera, o português usado se aproxima mais ao PUR, dentro de um processo de focalização, ou mais ao PBU, num processo de difusão social (CARVALHO, 2003b; 2008).

De acordo com Carvalho (2008), em seu trabalho intitulado *Eu gosto da Globo falar português: palatalização e urbanização do português uruguaio*, a autora discute que o PU sofreu uma urbanização; isso quer dizer que, em sua estrutura, além de ter características do PUR, apresenta, também, características de variantes urbanas brasileiras faladas na televisão brasileira às comunidades monolíngües brasileiras; assim, nesse caso, refere-se ao PBU.

A hipótese de uma difusão dialetal sustenta-se em Rivera, pois a maioria da população rechaça o PUR, que é estigmatizado pelos membros dessa comunidade pelos seguintes motivos: é um português rural, não oficial, preferido pelas camadas populacionais mais baixas e influenciado pelo espanhol (CARVALHO, 2003b).

Como forma de ilustrar o mencionado acima, na figura 4, apresenta-se um esquema proposto por Carvalho (2003b) sobre o resultado do contato desses dois dialetos:

FIG. 4 – Resultado do contato de duas variedades do português, o uruguaio rural e o brasileiro urbano:



Então, o resultado do contato entre esses dois dialetos do português é um *continuum* de variação estilística e social entre as formas locais e não locais (CARVALHO, 2003b).

A autora sustenta essa hipótese ao realizar um estudo sobre a vocalização da lateral [λ] que em muitos casos é pronunciada pela semivogal [j]. Dessa forma, a pronúncia realizada pela semivogal [j] é característica de variedades rurais e das classes de trabalhadores em todo o Brasil, portanto ela é estigmatizada socialmente (CARVALHO, 2003).

Na próxima sub sessão, será exposto alguns dados relevantes sobre a cidade de Tranqueras.

2.1.2 A cidade de Tranqueras

Tranqueras é uma cidade pequena, habitada por uma comunidade tranquila, que cultiva valores locais e brasileiros, pois é forte a influência cultural do Brasil, principalmente com relação à música e à televisão brasileiras.

Esta localidade já foi, também, foco de alguns estudos de cunho variacionista laboviano, tais como os de Elizaincín; Behares e Barrios (1987)³; e também, Elizaincín (1992). Neste último estudo, o autor publica o livro *Dialectos en Contacto – Español y Portugués en España y América*. Aquí, Elizaincín (1992) lida com as questões do contato linguístico na fronteira Brasil-Uruguaí, bem como na fronteira entre Portugal e Espanha.

Em um dos capítulos desse livro, observa-se uma análise sobre a variabilidade dos DPUs na fala de 139 sujeitos fronteiriços de diversas localidades da zona norte do Uruguaí, como, por exemplo, a comunidade de Tranqueras⁴. Além disso, nesse trabalho, Elizaincín (1992) realiza uma breve descrição sobre a comunidade de Tranqueras.

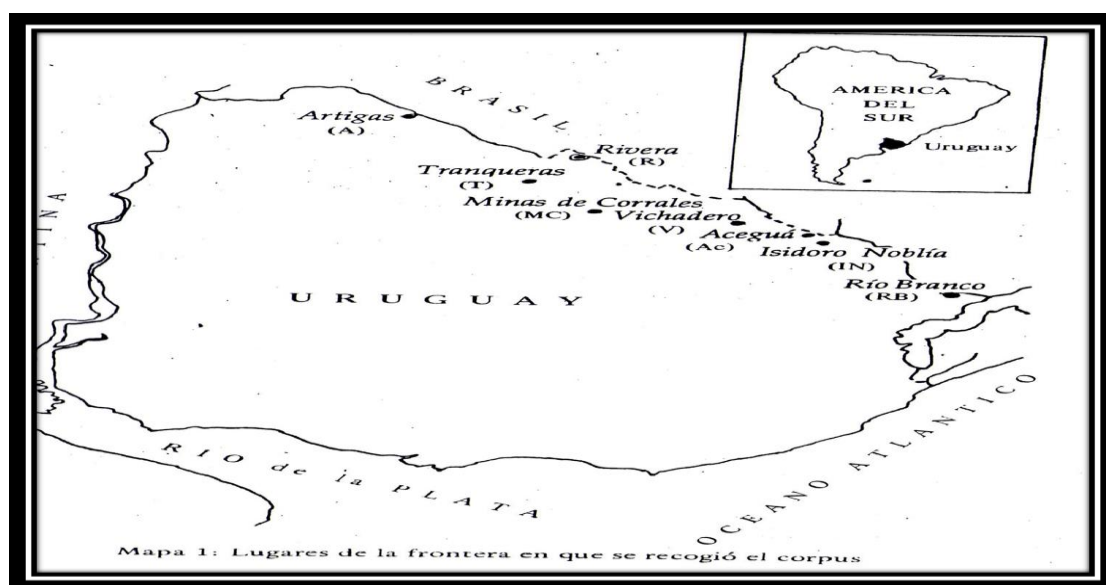
³ O estudo destes autores está publicado no livro *Nos falemo brasileiro* (1987), que já foi discutido anteriormente na subseção anterior.

⁴ Nesse estudo, Tranqueras era considerado um povoado pertencente ao Departamento de Rivera.

Ainda, sobre o estudo em pauta, é relevante afirmar que aqui a discussão parte dos aspectos linguísticos morfossintáticos.

A seguir, na figura 5, tem-se a representação do mapa da zona norte uruguaia, onde se encontram os falantes do PU.

FIG. 5 – Mapa da zona norte do Uruguai e as comunidades que integram falantes do PU como Tranqueras:



Na atualidade, Tranqueras é uma cidade pertencente ao Departamento de Rivera – Uruguai. De acordo com os dados do último Censo uruguaio de 2011, Tranqueras possui 7.235 habitantes. A cidade está localizada na Tercera Sección do Depto de Rivera, a 474 km de Montevideú e a 54 km da Capital Rivera.

A cidade está rodeada por uma zona agrícola-pecuária, onde se destacam a produção de melancia, produtos hortifrutigranjeiros, tais como laranja e outros cítricos. Outro fator importante para a economia da cidade é a atividade de apicultura, assim como a pecuária e a silvicultura. Esta última fez com que a cidade de Tranqueras fosse considerada um polo florestal do departamento de Rivera. Por isso, em Tranqueras há a

instalação de importantes empresas florestais, com grandes superfícies de plantas, de processamento de madeira e de diversos serviços relacionados à madeira.

Além disso, a cidade oferece uma gama variada de comércios minoritários, tais como: farmácias, livrarias, agros, supermercado, entre outros.

Em relação às atrações naturais, a cidade oferece a conhecida *Bajada de Pena*, localizada na estrada km 30, a 18 km de Tranqueras, pertencente à *Cuchilla Negra*. Há, também, outros lugares considerados pontos turísticos importantes na zona norte do país, como, por exemplo, o *Valle del arroyo Lunarejo*, importante e rico por sua biodiversidade; o rio *Tacuarembó* e outros arroios: o *Zanja Honda* e *Rubio Chico*, além da destacada *Sierra de la Aurora*.

Dentro da zona urbana, destaca-se um número razoável de ruas pavimentadas e com iluminação pública, praças e um estádio de futebol. Em relação aos centros educativos, Tranqueras conta com quatro escolas públicas, sendo que uma delas é uma escola bilíngue Espanhol/Português. E, também, algumas creches públicas e um Liceo público de ensino médio uruguaio, além de contar com uma escola de educação técnica chamada de *Escuela Técnica de Tranqueras*, que depende da UTU⁵ de Rivera.

A cidade oferece outros serviços, como as oficinas públicas municipais, polícia, bombeiros, correios, os bancos do Estado, além de um *Centro de Salud Pública*.

Sobre as atividades populares, destacam-se as *Fiestas Criollas*, a *Fiesta de la Cerveza*, a *Fiesta de la Sandía* e da *Forestación*.

2.3 Os sistemas vocálicos do Português e Espanhol

2.3.1 O sistema vocálico do Português

Mattoso Câmara Jr. (2008 [1970]), ao apresentar as vogais do Português, classifica-as em sete fonemas vocálicos. O autor afirma que há uma vogal central, a

⁵ Universidad del Trabajo del Uruguay.

vogal /a/, numa posição relaxada da língua, baixa. Porém, através de uma elevação gradual da língua, na parte anterior ou posterior, estão as vogais médias baixas /E, O/ e, também, as médias altas /e, o/. Por fim, em uma elevação ainda maior da língua, em posição alta, as vogais /i, u/.

Segundo Câmara Jr (2008 [1972]), é pertinente considerar a neutralização das vogais em posições átonas. O próprio autor explica o seguinte em relação às vogais pretônicas e postônicas não finais e finais:

Todos os fonemas vocálicos, em termos fonéticos, apresentam variação articulatória e auditiva, então. Mas o que essencialmente caracteriza as posições átonas é a redução do número de fonemas. Isto é, mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois. É o que Trubetzkoy tornou um conceito clássico em fonologia com o nome de “neutralização” (al Aufhebung) (CÂMARA JR. 2008 [1972], p. 43).

Há, portanto, perda de oposição em sílabas pretônicas e postônicas. No sul do Brasil, a perda de contraste na posição pretônica implica que, nas formas de *output*, apenas tenham manifestação às médias altas /ê/ e /ô/.

Ainda sofrendo influência do acento primário da palavra, o autor explica que, em sílaba postônica não final, dentre aquelas cinco vogais pretônicas, ainda se perde a média alta arredondada /ô/; na sílaba postônica final, desaparecem as médias, restando apenas três vogais: /i, u, a/. Quanto à posição postônica final, portanto, ocorre o fechamento variável /e/ para [i], segundo Câmara Jr. (2008 [1972]), como ocorre também com /o/, que passa para [u].

Tem-se, então, de acordo com Câmara Jr. (2008 [1972]), nessa posição, três quadros de vogais átonas, chegando a um sistema de três vogais – esse sistema é apresentado, na figura 6, a seguir:

FIG. 6 – Os três quadros de vogais átonas para o português do Brasil:

(6)

- 1º quadro – vogais pré – tônicas:

altas /i/ /u/

médias /ê/ /ô/

baixa /a/

- 2º quadro – Primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas:

altas /i/ /u/

médias /.../ /ô/

baixa /a/

- 3º quadro – Vogais átonas finais diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo:

altas /i/ /u/

baixa /a/

(CÂMARA JR., 2008 [1970])

O presente estudo, na análise do comportamento das vogais médias, focaliza a posição postônica final, na qual, no português, funciona um sistema de apenas três segmentos vocálicos.

2.3.2 O Sistema vocálico do Espanhol

O Espanhol tem cinco fonemas vocálicos – /i/, /e/, /a/, /o/, /u/ – os quais se mantêm tanto em posição átona como tônica, bem como em início, meio e final de

palavra, de acordo com Navarro 1961; Rioja, 1966; Sánchez, 1989; Llorach, 1965; Lloyd, 1993; Quilis, 1998-1999; Torrego, 2002.

Assim, observa-se, na figura 7, o sistema vocálico do Espanhol baseado no triângulo vocálico articulatório do Espanhol de Quilis (1999).

FIG. 7 – Triângulo articulatório vocálico do espanhol baseado em Quilis (1999):

(7)

altas	/u/	/i/
médias	/e/	/o/
baixa	/a/	

Na constituição do sistema fonológico, o espanhol emprega duas das propriedades articulatórias e acústicas que servem para a distinção dos fonemas vocálicos entre si, segundo Llorach (1965):

a) el grado de abertura, que condiciona la mayor parte o menor frecuencia del llamado primer formante de la vocal, y b) la configuración de la cavidade bucal según la posición de la lengua y los lábios, reflejada en la mayor o menor frecuencia del segundo formante de la vocal (timbre) (LLORACH, 1965, p. 145-146).

No espanhol, consideram-se variantes os alofones nasalizados dos fonemas vocálicos orais [i], [e], [a], [o], [u], uma vez que um fonema vocálico se realiza como vogal nasalizada somente quando antecede uma consoante nasal, como, por exemplo, no caso das palavras: ‘mano’ e ‘entren’. Nas demais realizações, os segmentos aparecem como vogal oral: [bella], [nota] ou em um ditongo ou tritongo.

Llorach (1965) salienta que a distinção entre o sistema vocálico do português e o sistema vocálico do espanhol reside no fato de a fonologia do espanhol apresentar, para as vogais, de três graus de abertura: 1) o de abertura máxima /a/; 2) o de abertura média



/e, o/ e 3) o de abertura mínima /i, u/. Dessa forma, tem-se a formação de um sistema vocálico triangular: as vogais são altas quando a língua ocupa posição mais alta dentro da cavidade bucal: [i] ou [u]; baixa, quando a língua ocupa posição mais baixa dentro da cavidade bucal: [a]; médias, quando a língua ocupa uma posição super inferior intermediária na cavidade bucal: [e], [o] (LLORACH, 1965).

Assim, esses cinco fones vocálicos possuem valor fonológico, pois distinguem o significado entre palavras: *paso/ peso/ piso/ poso/ puso/*. O autor destaca que esse sistema vocálico é empregado em todas as posições na palavra, independentemente da tonicidade da sílaba.

Segundo Hensey (1972), o sistema fonológico vocálico do Espanhol é parecido com o do português, por isso, é necessário abordar o sistema vocálico de ambas as línguas para serem apresentadas as semelhanças e diferenças. É essa a visão que norteia o presente estudo.

3 Metodologia

Esta sessão tem como objetivo explicar a metodologia aplicada e desenvolvida nesta pesquisa. Em primeiro lugar, apresentam-se os sujeitos da investigação e os procedimentos de coleta de dados. A seguir, descreve-se o fenômeno aqui estudado, bem como o tratamento dado aos *corpora* constituídos. Após, definem-se as variáveis controladas e a abordagem estatística dos dados.

Previamente ao desenvolvimento da pesquisa de dissertação (CORDOBA, 2013), o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UCPEL - nº 01224412.0.0000.5339. Todos os informantes adultos assinaram Termo de Consentimento Informado; em se tratando de informantes que não atingiram a maioria, esse termo foi assinado por seus pais ou responsáveis. Os dados linguísticos que integraram a pesquisa não permitem, em hipótese alguma, a identificação dos informantes.



3.1 Caracterização dos sujeitos e dos procedimentos da coleta de dados

Os sujeitos cujos dados constituíram os *corpora* da presente pesquisa foram 12 (doze) moradores da cidade de Tranqueras – Uruguai, sendo 6 crianças e 6 adultos, dos sexos masculino e feminino, bilíngues português-espanhol.

Todos os informantes adultos deveriam ter cursado, no mínimo, cinco anos do ensino fundamental uruguaio⁶, enquanto as crianças deveriam pertencer ao início desse nível educacional (entre o 1º e o 3º anos). Em razão desse fato, as crianças cujos dados foram analisados neste estudo tinham entre 7 e 8 anos de idade. Os adultos entrevistados para a presente pesquisa tinham entre 25 e 35 anos, uma vez que deveriam mostrar inserção no mercado de trabalho.

Para a efetivação desta pesquisa, foi realizada a coleta de dados de acordo com a metodologia de entrevista sociolinguística, enfatizando-se as narrativas pessoais de experiência de vida dos informantes. Segundo Labov (1983), as narrativas pessoais permitem a obtenção de dados linguísticos naturais, uma vez que o envolvimento do falante com os fatos o afasta da preocupação com a forma da língua.

Além disso, Tarallo (2005) afirma que o pesquisador sociolinguista, acompanhado do seu gravador, deve coletar dados de situações naturais de comunicação linguística, a fim de reunir um material vasto, condizente com a investigação pretendida.

Para a coleta de dados, tanto das crianças como dos adultos, foram feitas entrevistas individuais. Os dados foram obtidos a partir de gravações de fala espontânea, feitas na própria cidade de Tranqueras – Uruguai⁷.

As entrevistas espontâneas foram gravadas, na sua maioria, nas residências ou em locais de trabalho dos informantes. Em relação às crianças, todas as entrevistas foram feitas em uma Escola pública de Ensino Fundamental. Além disso, sobre a

⁶ O ensino fundamental no Uruguai, denominado *Enseñanza Primaria*, tem a duração de 6 (seis) anos.

⁷ Ver Cordoba (2013).

duração das entrevistas, houve pequena diferença entre os dois grupos de informantes: as entrevistas com as crianças tiveram a duração entre 15 e 20min, enquanto aquelas com os adultos estenderam-se de 20 a 30min.

Atribui-se a diferença do tempo de duração das entrevistas entre as crianças e os adultos à idade e ao grau de atenção dispensado a um diálogo com o entrevistador.

As variáveis controladas na presente pesquisa são de caráter linguístico e extralinguístico, e tiveram sua escolha determinada a partir de estudos anteriormente realizados sobre o comportamento de vogais médias átonas finais no PB, como o de Vieira (2002).

Foi considerada como **variável dependente** a ocorrência/não ocorrência do processo de “elevação das vogais médias átonas finais” nos *corpora* da pesquisa, o que implicou a presença de:

- a) vogal [i] (ocorrência do processo) ou vogal [e] (não ocorrência do processo);
- b) vogal [u] (ocorrência do processo) ou vogal [o] (não ocorrência do processo);

As **variáveis independentes** foram divididas em linguísticas e extralinguísticas, tendo sido determinadas especialmente levando em consideração os resultados estatisticamente relevantes na pesquisa de Vieira (2002), que teve como um dos focos as vogais médias átonas finais na produção linguística de adultos falantes nativos de PB, residentes no Rio Grande do Sul.

Controlaram-se sete variáveis independentes, sendo cinco de caráter linguístico e duas de caráter social, com inspiração em Vieira (2002)⁸.

São as seguintes as variáveis linguísticas controladas na presente pesquisa: a) *contexto precedente à vogal átona final*; b) tipo de sílaba em que se encontra a vogal

⁸ Na apresentação das variáveis, a letra que antecede cada fator corresponde ao código que os representou na sua codificação no programa estatístico.



átona final; c) contexto vocálico da palavra em que se encontra a vogal átona final; d) localização, na palavra, da sílaba postônica analisada; e) classe morfológica da palavra em que se encontra a vogal átona final.

As variáveis sociais controladas na presente pesquisa são estas: 1) idade do/a informante e 2) sexo do/a informante.

A justificativa para a escolha das duas faixas etárias acima discriminadas está na possibilidade de, em se observando variação linguística, verificar-se a tendência ou não a que haja mudança linguística em curso – a distância entre as duas faixas etárias, sendo uma composta de crianças que estão em fase de alfabetização e outra formada por adultos em idade de inserção no mercado de trabalho, é que permitirá a observação da ocorrência ou não da mudança em curso.

b) A variável sexo foi aqui considerada, uma vez que, de acordo com a literatura sociolinguística, como em Amaral (2003), os diferentes papéis de homens e mulheres na sociedade podem evidenciar-se como fator importante nos processos de variação e mudança.

Ainda sobre a variável sexo, sua escolha foi decorrente do fato de as pesquisas sociolinguísticas no Uruguai a terem revelado como significativa, em se considerando a preservação dos papéis sociais que homens e mulheres têm cumprido nas comunidades uruguayas (CARVALHO, 2007; 2010).

Além disso, os dados, depois de transcritos e codificados, foram submetidos ao aplicativo GOLDVARB 2001, desenvolvido para análise de dados multivariados no Windows. Os dados para análise quantitativa são tratados como instâncias individuais de uma variável linguística de acordo com a Teoria da Variação Laboviana (AMARAL; BORGES, 2009).

A seguir, na próxima sessão, são apresentados os resultados dos dados relativos ao emprego das vogais médias átonas finais /e/ e /o/ em Tranqueras – Uruguai, com a aplicação variável do processo de neutralização – do qual resultam as formas fonéticas [i] e [u], respectivamente –, com a descrição e a discussão desses resultados.



Apresentam-se, em primeiro lugar, os resultados gerais do comportamento dos segmentos vocálicos em análise, tanto nos dados do grupo das crianças, como no dos adultos. Também são apresentados os resultados do comportamento das vogais /e/ e /o/ átonas finais de forma a poderem ser visualizados os dados de crianças e adultos separadamente.

4 Descrição e análise dos dados

De acordo com as variáveis propostas neste trabalho, cuja base está em Vieira (2002), apresenta-se, em primeiro lugar, uma descrição do *corpus* referente ao total de dados coletados nas entrevistas realizadas na cidade de Tranqueiras, com todos os informantes: crianças e adultos. Foi analisado o universo de 1606 dados entre crianças e adultos, referentes à ocorrência de vogais em posição postônica final. Desse total de dados gerais, obtiveram-se 858 referentes às crianças e 748 dados sobre os adultos.

4.1 Resultado geral de elevação das vogais /e/ e /o/ postônicas átonas finais em crianças e adultos

Verificou-se o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição átona final, considerando sua manifestação fonética, respectivamente, como [e] e [o], e como [i] e [u], sendo estas formas com elevação das médias resultantes do processo de neutralização. Como resultado da submissão dos dados deste estudo ao aplicativo GOLDVARB 2001, na rodada geral que engloba a produção linguística de adultos e crianças, foram computados na análise 1416 dados, uma vez eliminados os *knockouts*.

De acordo com as sete variáveis propostas, entre elas as linguísticas e as extralinguísticas, obteve-se a seleção de três variáveis linguísticas: o *contexto precedente*, o *contexto vocálico* e a *classe morfológica*. Em relação às variáveis extralinguísticas, o programa selecionou, para o *corpus* integral do estudo, as duas variáveis: *idade* e *sexo*. Os resultados apresentados a seguir foram obtidos, na sua

maioria, a partir da segunda rodada e também passaram por amalgamação e eliminação de variáveis, conforme explicação no decorrer da discussão das tabelas.

TAB. 1 – Contexto precedente – dados gerais:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Consoante labial	58/184	31,5	0,42
Consoante coronal	371/976	38,0	0,54
Consoante dorsal	64/256	25,0	0,39
TOTAL	493/1416	34,8	

Input: 0,339

significância: 0,015

Conforme os resultados gerais, sobre o *contexto precedente*, observados na Tabela 1, embora o peso relativo (.54) esteja bastante próximo do ponto neutro, pode-se dizer que, em contextos nos quais as vogais átonas finais /e/ e /o/ são antecidas por consoante coronal, a tendência é de que as crianças e os adultos tendam a aplicar o processo de elevação, manifestando, preferencialmente, as formas fonéticas com elevação das médias em posição átona final.

Na Tabela 2, apresentam-se os resultados sobre o *contexto vocálico*, referente à presença ou não de vogal alta na palavra.

TAB. 2 – Contexto vocálico – dados gerais:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Presença de vogal alta na palavra	144/331	43,5	0,57
Palavra sem vogal alta	349/1085	32,2	0,47
TOTAL	493/1416	34,8	

Input: 0,339

significância: 0,015

Os resultados da Tabela 2 acima mostram que a presença de uma vogal alta em sílaba precedente à sílaba final apresenta-se como um fator favorecedor para a aplicação do processo de neutralização, indicando um peso relativo de 0,57.

A seguir, veem-se os resultados em relação à classe morfológica na Tabela 3.

TAB. 3 – Classe morfológica – dados gerais:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Substantivo	75/162	46,3	0,52
Adjetivo	6/21	28,6	0,34
Advérbio	38/67	56,7	0,64
Clítico	75/264	28,4	0,42
Pronome	28/81	34,6	0,43
Numeral	23/46	50,0	0,58
Verbo	89/206	43,2	0,54
TOTAL	334/847	34,8	

Input: 0,339

significância: 0,015

Em relação à variante linguística *classe morfológica*, os resultados mostram que a classe gramatical *advérbio* apresenta um maior peso relativo, de 0,64, o que equivale a 56,7 % de aplicação da elevação das vogais /e/ e /o/, seguido pelas classes: *numeral*; *verbo*. O peso relativo obtido com referência ao fator *substantivo* mostra-se próximo ao ponto neutro, enquanto os pesos obtidos pelos *pronome*; o grupo *clítico* e *adjetivo* não apresentam favorecimento à aplicação do processo.

Observam-se, a seguir, os resultados no que tange à variante extralinguística *sexo*, com relação ao comportamento da vogal /e/ e da vogal /o/ em conjunto, de acordo na tabela 4.

TAB. 4 – Sexo – dados gerais:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Feminino	218/473	46,1	0,57
Masculino	116/374	31,0	0,40
TOTAL	334/847	34,8	

Input: 0,339

significância: 0,015

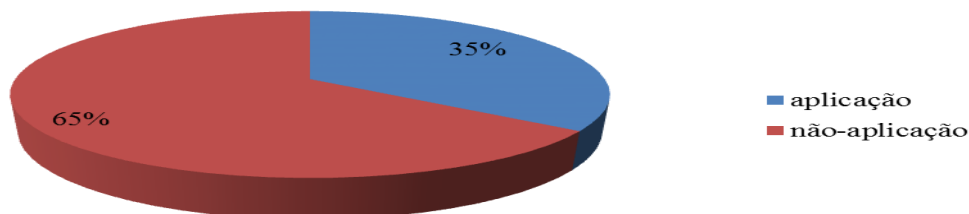
Os resultados na Tabela 4, sobre a variável extralinguística *sexo*, apontam a um peso relativo de 0,57 para a aplicação do processo de neutralização para o sexo feminino, considerando-se os dois grupos de informantes: as crianças e os adultos. Os dados apresentados aqui corroboram a hipótese de Paiva (2010) no que diz respeito ao uso da elevação das vogais médias mais em mulheres do que em homens.

Entretanto, em seus resultados sobre a variável extralinguística *sexo*, Mileski (2012) obtém um resultado diferente: há maior porcentagem de homens como favorecedores da elevação, especialmente da vogal /e/. A autora enfatiza o seguinte:

Não havia sido formulada nenhuma hipótese referente a essa variável a partir dos resultados de estudos variacionistas sobre elevação das vogais médias postônicas no Rio Grande do Sul, pois, a depender do estudo, tanto homens quanto mulheres haviam sido apontados como favorecedores da elevação (MILESKI, 2012, p. 114).

Logo, apresenta-se o gráfico 1, representativo do resultado geral de crianças e adultos sobre a aplicação da regra variável de neutralização, cujo resultado é a elevação, das vogais médias átonas finais na comunidade de Tranqueras.

GRAF. 1 - Aplicação de análise geral de regra variável entre os adultos e crianças:



O gráfico aponta que, na comunidade de Tranqueras, há a maior tendência à preservação das formas fonéticas [e] e [o] para a manifestação das vogais médias /e/ e /o/ em posição átona final, em se comparando com o uso das formas fonéticas [i] e [u] para tais vogais, como resultado da aplicação do processo de neutralização. Nesse resultado, tem-se uma evidência da grande influência do espanhol – língua em que não é aplicado o processo de neutralização às vogais médias átonas finais – sobre o PU falado na cidade de Tranqueras.

Mostra-se, na seção subsequente, o resultado geral de aplicação da regra variável nas crianças.

4.2 Resultado geral da elevação da vogal /e/ e /o/ postônica final em crianças

Para a verificação do comportamento das duas vogais médias em posição postônica final, foi rodado o aplicativo GOLDVARB 2001 exclusivamente com os dados linguísticos das crianças que fazem parte do presente estudo. De acordo com as seis variáveis propostas, entre elas as linguísticas e extralinguísticas, o aplicativo GOLDVARB 2001 selecionou, para os dados exclusivos das crianças, três variáveis linguísticas: o *contexto precedente*; o *contexto vocálico* e a *classe morfológica*, sendo que também selecionou uma variável extralinguística: a variável *sexo*. Os resultados

apresentados a seguir foram obtidos, portanto, em análise apenas do *corpus* obtidos nas entrevistas com as crianças.

A seguir, observam-se os resultados de acordo ao *contexto seguinte* na tabela 5.

TAB. 5 – Contexto precedente – dados das crianças:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Consoante labial	44/108	40,7	0,46
Consoante coronal	244/570	42,8	0,53
Consoante dorsal	46/169	27,2	0,39
TOTAL	334/847	39,4	

Input: 0,386

significância: 0,018

Os resultados observados na tabela 5, sobre o *contexto precedente*, permitem afirmar que, em contextos nos quais as vogais átonas finais são antecedidas por consoante coronal, a tendência é de que as crianças apliquem o processo de neutralização, manifestando foneticamente as vogais altas [i] e [u], embora o peso relativo seja muito próximo do ponto neutro (.53). Esse resultado é consistente com os dados gerais referentes a adultos e crianças, mostrados na Tabela 1.

Na tabela 6, apresentam-se os resultados referentes à presença ou não de uma vogal alta na palavra que é avaliada no presente estudo.

TAB. 6 – Contexto vocálico – dados das crianças:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Presença de vogal alta na palavra	101/189	53,4	0,61
Palavra sem vogal alta	233/658	35,4	0,46
TOTAL	334/847	39,4	

Input: 0,386

significância: 0,018

Os resultados da tabela acima identificam que a presença de uma vogal alta em sílaba precedente à sílaba final é um fator favorecedor para a aplicação do processo de neutralização da átona final na palavra, indicando um peso relativo de 0,84, em total consonância com os resultados mostrados na Tabela 2 – o peso relativo nos dados das crianças foi um pouco maior, quanto a esse fator favorecedor do processo do que nos dados gerais, reunindo a produção linguística de adultos e crianças.

Na literatura, algumas pesquisas revelam resultados semelhantes aos apresentados aqui, foram obtidos por Vieira (1994, 2002, 2010) e Silva (2008).

Em relação aos dados das crianças, mostra-se a tabela 7 os resultados quanto à classe morfológica.

TAB. 7 – Classe morfológica – dados das crianças:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Substantivo	75/162	46,3	0,52
Adjetivo	6/21	28,6	0,34
Advérbio	38/67	56,7	0,64
Clítico	75/264	28,4	0,42
Pronome	28/81	34,6	0,43
Numeral	23/46	50,0	0,58
Verbo	89/206	43,2	0,54
TOTAL	334/847	39,4	

Input: 0,386

significância: 0,018

Em relação à variante linguística classe morfológica, os resultados mostram que a classe gramatical *advérbio* apresenta o um maior peso relativo (.64), seguido pelas classes: *numeral* e *verbo*; *substantivo*; *pronome* e o grupo *clítico* respectivamente.

Os resultados apresentados aqui corroboram com os de Mileski (2012) e Silva (2009), de acordo com a classe dos *advérbios* como uma das classes com o maior percentual de aplicação da regra.

TAB. 8 – Sexo – dados das crianças:

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Feminino	218/473	46,1	0,57
Masculino	116/374	31,0	0,40
TOTAL	334/847	39,4	

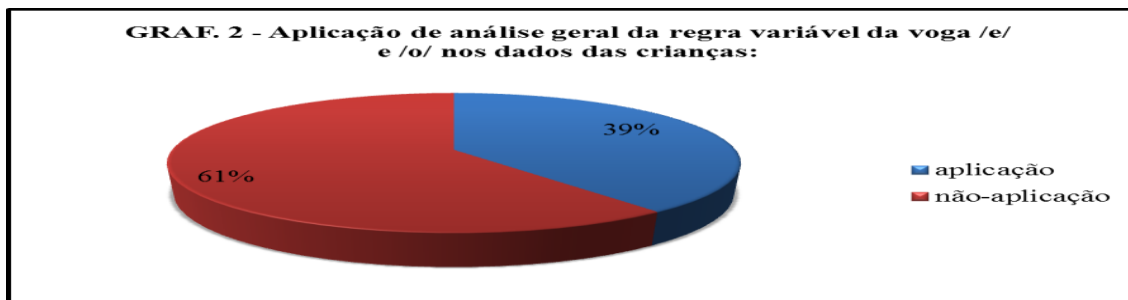
Input: 0,386

Significância: 0,01

Os resultados na Tabela 8, sobre a variável extralinguística *sexo*, apontam um peso relativo de .72 para a ocorrência da regra variável entre as meninas.

Com os resultados apresentados nas Tabelas de 5 a 8, sobre os dados linguísticos relativos às crianças, é possível verificar que são consistentes com os dados gerais deste estudo – mostrados nas Tabelas de 1 a 4 - sendo que, para as crianças, com relação ao grupo de fatores *classe morfológica*, o maior favorecimento para a aplicação do processo de neutralização da vogal átona final ficou com a classe dos *numerais*, quando, nos dados gerais, a predominância havia ficado com a classe dos *advérbios*.

Logo, apresenta-se o gráfico 2, representativo do resultado geral das crianças sobre a aplicação da regra variável de neutralização, cujo resultado é a elevação, das vogais médias átonas finais na comunidade de Tranqueras.



O gráfico aponta que, na comunidade de Tranqueras, há a maior tendência à preservação das formas fonéticas [e] e [o] para a manifestação das vogais médias /e/ e /o/ em posição átona final, em se comparando com o uso das formas fonéticas [i] e [u] para tais vogais, como resultado da aplicação do processo de neutralização. Nesse resultado, tem-se uma evidência da grande influência do espanhol – língua em que não é aplicado o processo de neutralização às vogais médias átonas finais – sobre o PU falado na cidade de Tranqueras.

Mostra-se, na seção subsequente, o resultado geral de aplicação da regra variável nas crianças.

4.5 Resultado geral da elevação da vogal /e/ e /o/ postônica final em adultos

Para a verificação do comportamento das duas vogais médias em posição postônica final, foi rodado o aplicativo GOLDVARB 2001 exclusivamente com os dados linguísticos dos adultos que fazem parte do presente trabalho. O aplicativo GOLDVARB 2001 selecionou, para os dados exclusivos adultos, apenas duas variáveis: uma linguística: o *contexto precedente*, e uma variável extralinguística: a variável *sexo*. Os resultados apresentados a seguir foram obtidos, portanto, em análise apenas do *corpus* obtidos nas entrevistas com os adultos.

TAB. 17 – Contexto precedente – dados dos adultos

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Consoante labial	15/77	12,1	0,35
Consoante coronal	151/465	41,7	0,54
Consoante dorsal	22/94	55,4	0,41
TOTAL	188/634	29,6	

Input: 0,287

Significância: 0,029

Observa-se, na Tabela 17, no que diz respeito ao resultado geral da elevação, em razão do processo de neutralização, de /e/ e /o/, que as consoantes coronais precedentes podem ser vistas como favorecedoras da aplicação da regra variável em destaque, embora o peso relativo não seja muito alto: 0,54. O resultado é consistente com os resultados que integram os dados, em conjunto, de adultos e crianças (Tabela 1), bem como os dados apenas de crianças (Tabela 5).

A seguir serão mostrados os resultados, na tabela 18, referentes à variante extralinguística *sexo*, com relação exclusivamente aos dados dos adultos da presente pesquisa.

TAB. 18 – Sexo – dados dos adultos:

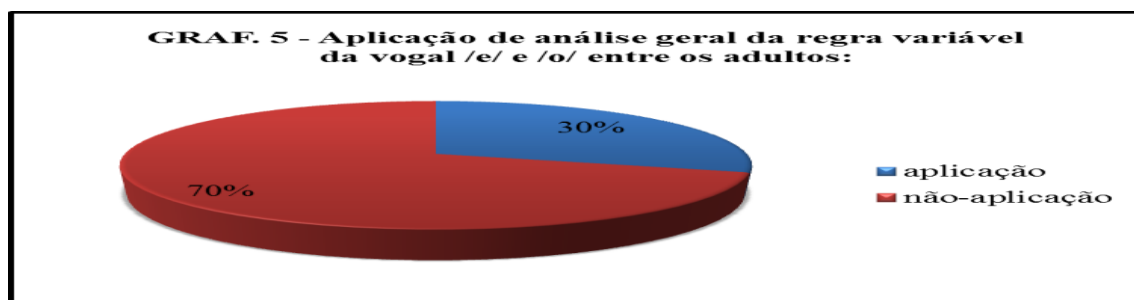
Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Feminino	126/393	61,8	0,53
Masculino	62/243	38,2	0,44
TOTAL	126/359	35	

Input: 0,287

Significância: 0,029

Os resultados acima, referentes à variante extralinguística *sexo*, revelam que o sexo feminino é o favorecedor para a aplicação da regra variável de neutralização/elevação da postônica final, com peso relativo pouco elevando: 0,53. Esse resultado também é consistente com aqueles obtidos na análise conjunta dos dados de crianças e adultos, de acordo com a Tabela 4.

No gráfico 5, está representado o resultado geral de aplicação do processo de elevação/neutralização tanto da vogal /e/ como da vogal /o/ nos dados de adultos cujos dados linguísticos fazem parte da presente pesquisa.



O Gráfico 5 evidencia que, nos dados dos adultos de Tranqueras, prevalece a preservação da vogal média /e/ e /o/ na posição átona final, com o uso da forma fonética [e] e [o], mostrando a influência do espanhol na língua falada na comunidade.

Considerações finais

O presente artigo de cunho variacionista labovino teve como intuito contribuir para os estudos sobre a neutralização das vogais médias postônicas átonas finais /e/ e /o/ do PU, doravante PU, falado especificamente por falantes pertencentes à cidade de Tranqueras – Uruguai.

O estudo comprova que a regra de neutralização das vogais médias postônicas finais é um fenômeno variável, bem como em outras comunidades do Rio Grande do Sul, de acordo com a pesquisa de Vieira (1994, 2002, 2010); Carniato (2000); Silva (2009) e Mileski (2013).

Os resultados comprovam que o PU falado por habitantes da cidade de Tranqueras, em relação ao fenômeno da regra variável nas postônicas átonas finais, revelam que o sistema de vogais médias postônicas finais do PU é semelhante ao do português brasileiro (PB), pois a amostra de falantes pesquisados apresenta um número razoável de emprego dos processos fonológicos que têm alta incidência nas vogais do PB, como por exemplo, da neutralização das vogais estudadas aqui.

Dessa forma, os processos fonológicos que operam nas vogais postônicas átonas finais têm natureza variável, portanto, comprova um caso de mudança em curso. Sendo assim, o presente estudo confirma que O comportamento das vogais postônica átonas finais no PU tem maior similaridade com o funcionamento das mesmas vogais no PB do que no espanhol uruguaio (EU).

A taxa de aplicação da regra é modesta na comunidade de Tranqueras, pois apresentou uma porcentagem total de 30% de aplicação da regra variável e um 70% de não aplicação da regra em estudo (GRAF.1), de acordo com as faixas etárias controladas neste estudo, conforme foi apresentado no Capítulo 3 referente à Metodologia.

Também, as crianças aplicam a regra variável com a vogal /o/ em uma porcentagem de 43% do que com a vogal /e/ de 35% de aplicação da regra variável em estudo. Enquanto que os adultos aplicam a regra variável da vogal /e/ postônica final com uma maior porcentagem (32%) do que com a vogal /o/ totalizando uma porcentagem de 26% de aplicação da regra variável.

Além disso, os resultados gerais apresentados neste estudo mostram que o fenômeno de neutralização na cidade de Tranqueras é aplicado com um maior



percentual entre as crianças, de acordo com fator extralinguístico *faixa etária* explicitado acima.

Os resultados apresentados sobre o fenômeno analisado aqui, por Carniato (2000), na comunidade de Santa Vitória do Palmar RS – localizada em uma zona fronteiriça com o Uruguai - revelam que os mais jovens adolescentes⁹ entre 13 e 18 anos aplicam significativamente a regra variável em pauta.

Então, Carniato (2000) diz que a predominância de uma variante entre os mais jovens pode ser indicativo de uma mudança em progresso, ou seja, uma das variantes está sendo mais utilizada em relação à outra.

O fato de haver uma mudança em progresso propulsionado pelas crianças dessa amostra pode ser motivado por influências externas, isso quer dizer, elas apresentam uma importante identificação com a cultura brasileira no que diz respeito à música brasileira e à mídia em geral. Assim, como os resultados promovidos pelo estudo de Carvalho (2003b) no qual seus resultados apontam a um maior emprego do [ʎ] presente no PU da cidade de Rivera sendo impulsionada pela influência da TV brasileira.

Os resultados apresentados aqui neste estudo mostram que as crianças aplicam a regra variável da vogal postônica final com uma porcentagem de 39% enquanto que os adultos apresentam um valor de 29,6% de aplicação da regra variável.

Além disso, os baixos percentuais de aplicação para ambas as vogais corroboram com os resultados apresentados por Mileski (2012), de acordo com o seu estudo realizado na cidade de Vista Alegre do Prata – RS, comunidade bilíngue português-italiano.

Portanto, é interessante ressaltar a importância de um posterior estudo sobre o PU na cidade de Tranqueiras – Uruguai para assim, procurar outros resultados que comprovem a mudança linguística sobre a aplicação da regra variável de neutralização das vogais em foco.

⁹ Carniato (2000) realizou em seu estudo uma faixa etária composta por: a) informantes entre 13 – 18 anos e b) maiores de 50 anos.



Referências Bibliográficas

BEHARES, L.E. Uruguai / Brasil: contribuição ao estudo da heterogeneidade linguístico-cultural da fronteira sul. Disponível em: <http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/3/02.pdf>. **Revista Diálogos Possíveis**. Faculdade Social da Bahia. Ano 2, Nº 01, 2003. Acesso em: 20 mai. 2011.

_____, L.E (1985) **Planificación lingüística y educación en la frontera Uruguaya con Brasil**. IIN/OEA, Montevideo.

BORGES, Paulo; AMARAL, Luis Centeno do. **Análise estatística e formação de banco de dados sociolinguísticos**. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2009.

BRISOLARA, L. B. A elevação das vogais /e/ e /o/ de clíticos pronominais na comunidade de Santana do Livramento. In: **Español y Português: um (velho) Novo Mundo de fronteiras e contatos**. Orgs. Jorge Espiga – Adolfo Elizaincín. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 107 – 128.

CÂMARA, J.R., **Estrutura da língua portuguesa**. 34. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CARNIATO, Miriam Cristina. A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar. 2000. **Dissertação (Mestrado em Letras)** – Curso de Mestrado em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

CARVALHO, Ana Maria. Contribuições da sociolinguística ao ensino de português nas comunidades bilíngues do Uruguai. Educação Fronteira Brasil/Uruguay: Línguas e sujeitos. **Revista Pró-posições**. Campinas: Unicamp, 2010.

_____, Ana Maria. “Eu gosto do jeito da Globo falar português”: Palatalização e urbanização do português uruguaio. In: **Español y Português: um (velho) Novo Mundo de fronteiras e contatos**. Orgs. Jorge Espiga – Adolfo Elizaincín. Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 65 – 106.

_____, Ana Maria. Diagnóstico sociolinguístico de comunidades escolares fronterizas en el norte de Uruguay. In: BROVETTO, Claudia; GEYMONAT, Javier; BRIAN; Nicolás (org.) **Portugués del Uruguay y educación bilingüe**. Montevideo: ANEP – CEP, p. 46 – 98, 2007.

_____, Ana Maria. Rumo a uma definição do português uruguaio. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**. n. 2, p. 135 – 159, 2003b.

CORDOBA, A. S. **A neutralização das vogais postônicas finais no português uruguaio falado na cidade de Tranqueiras – Uruguai**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

_____, A. S.; MATZENAUER, Carmen L. B. O Português do Uruguai na cidade de Rivera – aspectos fonético-fonológicos. Trabalho apresentado no XX Congresso de



Iniciação Científica – CIC/X Mostra de Pós-Graduação/III Congresso de Extensão da UCPel. Pelotas, out. 2011.

ELIZAINCÍN, Adolfo. **Dialectos en contacto. Español y português en España y América.** Montevideu, Uruguai: Arca, 1992.

_____, Adolfo, BEHARES, Luis; BARRIOS, Graciela. **Nos falemo Brasileiro.** Dialectos portugueses en Uruguay. Montevideu: Editorial Amesur, 1987.

JUDD, Michael T. O dialeto fronteiriço do Uruguai: *origens, investigações e oportunidades*. Disponível em: http://espaçoadadêmico.com.br/073/73esp_juddpt.htm. **Revista Espaço Acadêmico**. UEM, Maringá/pr, nº 73, 2007. Acesso em: 20 mai. 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 2008 [1972].

_____, William. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid, Cátedra, 1983.

LAFFIN, G. C. O contato linguístico português – espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LLORACH, Emílio. **Fonología Española**. Madrid: Gredos, 1965. p. 145 – 160.

MAPA ATUAL DO URUGUAI. Disponível em: <http://www.guiageo-americas.com/uruguai.htm>. Acesso em: 19 nov. de 2011

MEIRELLES, V. A. G. Aspectos fonológicos do contato entre o Português e o Espanhol na cidade de Santana do Livramento-Rivera. **Dissertação (Mestrado em Linguística)** – Instituto de Letras. Brasília: UnB, 2006.

MILESKI, Ivanete. A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS. 2012. **Dissertação (Mestrado em Letras)** – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília (org). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. Editora Contexto: São Paulo, 2008.

QUILIS, Antonio. **Tratado de Fonología y fonética española**. Madrid: Gredos, 1999. p. 142-193.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 33-42.

RONA, J. P. La frontera lingüística entre el Portugués y el Español en el norte del Uruguay. **Véritas**. Porto Alegre: PUCRS, 1963, p. 201-221

SILVA, Susiele Machry da. Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS. 2009. **Dissertação (Mestrado em Letras)**



– Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2005.

TRINDADE, A.M.; L. E. BEHARES y M.C. Fonseca (1995) **Educação e linguagem em áreas de fronteira Brasil-Uruguaí**. Palloti, Santa Maria.

VIEIRA, M. J. Neutralização das vogais médias postônicas, 1994. **Dissertação (Mestrado em Letras)** – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. Aspectos do sistema vocálico do português. 1997. 181f. **Tese (Doutorado em Letras)** – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. IN: BISOL, Leda.; BRESCANCINI, Cláudia (org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p 127- 159.

_____. As vogais médias átonas nas três capitais do sul do País. In: **Português do Sul do Brasil**. Variação Fonológica. Orgs. Leda Bisol e Gisela Collischonn. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 45 – 62.

IMAGEM SOBRE A LINHA DIVISÓRIA ENTRE LIVRAMENTO E RIVERA. Disponível em: <http://eobixopegando.blogspot.com.br/2012/10/cerro-do-chapeu.html>. Acesso em: 17 de fev. de 2012

Recebido Para Publicação em 30 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 19 de maio de 2017.